

UNIVERSIDADE AUTONOMA DEL SUL - UNASUR
PROGRAMA DE MESTRADO EM FORMAÇÃO EDUCACIONAL
Interdisciplinaridade, e Subjetividade – promovido por meio do
intercâmbio educacional da Faculdade de Ciências Humanas da
Paraíba
DISCIPLINA: SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO

José Henrique da Silva Andrade¹

SABER, PODER E CULTURA

Artigo apresentado ao Programa de Mestrado em Formação Educacional, da Universidade Autônoma Del Sul (UNASUR), como requisito de avaliação parcial para a obtenção do Título de Mestrado em Educação, orientado pelo Prof. Dr. Everaldo de Deus.

Belém – Pará
2014

¹ Acadêmico com Licenciatura Plena em Pedagogia, pela Universidade Vale do Acaraú – UVA, em 2002, mestrando em Ciência da Educação pela Universidade Autônoma Del Sul – UNASUR. E-mail: henriqueandrade484@gmail.com

RESUMO

Considerando a cultura um processo social, o homem, como protagonista, a partir de suas relações interpessoais constrói, ao longo de sua história, um legado de convivência amistosa, onde cada um, baseado em princípios filosóficos, políticos e religiosos estabelecem diretrizes, códigos e leis para o bem comum. Este artigo buscou, entre outros, discutir sobre saber, poder e cultura, com base em alguns teóricos, como: Antunes (2010); Bacon (1979); Foucault (2007), entre outros, no propósito de fazer uma reflexão sobre alguns princípios que levam o indivíduo a construir o seu saber e, conseqüentemente, a sua cultura. Decerto que muitas teorias existem e que estes assuntos são complexos, entretanto, vale ressaltar que há os quatro pilares do conhecimento, sobre os quais, está montada a formação do ser humano e, a partir desses pontos, buscou-se esclarecer alguns conceitos que permitissem, sobre tudo, dirimir questões a respeito do homem em relação com o seu semelhante, mesmo em eterno conflito com o seu eu interior.

Palavras Chave: Saber; Poder, Conhecimento, Cultura.

ABSTRACT

Considering the culture a social process, man, as the protagonist, from interpersonal relationships built over its history, a legacy of friendly coexistence, where each, based on philosophical principles, political and religious set guidelines, codes and laws for the common good. We aimed at, among others, discuss knowledge, power and culture, based on some theoretical, as Antunes (2010); Bacon (1979); Foucault (2007), among others, in order to make a reflection on some principles that lead the individual to build your knowledge and, consequently, their culture. Certainly there are many theories and that these issues are complex, however, it is noteworthy that there are four pillars of knowledge, on which is mounted the formation of the human being and, from these points, we attempted to clarify some concepts that allow, above all, resolve questions about the man in relation to his fellow, even in eternal conflict with your inner self.

Keywords: Knowledge; Power, Knowledge, Culture.

1 INTRODUÇÃO

O homem sempre que se dispõe a aceitar o inevitável e promover uma mudança em prol de sua própria vida, ele faz uma alteração significativa e contribui para o seu próprio desenvolvimento cognitivo, criando saberes. Isso o torna diferente e eleva a sua auto-estima, trazendo melhorias e despertando o poder.

Saber, poder e cultura parecem estar juntos, do ponto vista universal, mas nem sempre isso é visto assim pela sociedade, pois entre esses três, o poder parece estar muitas vezes atrelado às condições de alguns fatores que podem ser facilmente relacionados ao hábito, questões climáticas, aceitabilidade, medo ou falta de escolhas.

O saber é, sem dúvida, uma das coisas que torna o ser humano diferente, haja vista que na situação de animal, pelo uso do saber, o homem se eleva a escala racional, destacando-se aos demais.

O poder pode-se dizer, é o resultado de um saber, quando homem se utiliza do seu conhecimento para dominar algo que precise. Elevando ao nível de saber e cultura.

Este artigo buscará discutir, no plano da reflexão e das teorias, as relações entre saber, poder e cultura, elencando situações que possam definir cada um deles e suas relações com o plano social e a vida do homem e o seu bem estar no Planeta.

2 O SABER

Desde as mais remotas épocas, o ser humano busca entender o universo das coisas e os motivos que levam aos seus acontecimentos. Sua busca se torna cada vez mais infinita, pois a cada resposta encontrada, surgem outras dúvidas e, conseqüentemente, novas perguntas, pois: *“quando a gente acha que tem todas as respostas, vem a vida e muda todas as perguntas”*².

Decerto, que na maioria dos casos, quando o homem esbarra em algo difícil de explicar, atribui este feito aos preceitos religiosos, frutos de uma manifestação divina. Isso é comum na História da humanidade.

O simples ato de saber algo, diferente aos demais, cria-se o status com direitos de gozar privilégios, como foi o fato de o homem desenvolver a criação de códigos e símbolos e criar a escrita e a leitura, promovendo o registro do conhecimento. Isso, não apenas impulsionou a História, como agenciou o desenvolvimento do homem e a sua ocupação nos espaços.

² Luis Fernando Veríssimo, escritor, jornalista, humorista e cronista brasileiro, filho do também escritor: Érico Veríssimo.

De acordo com Michel Foucault (2004) existe uma relação íntima entre o conhecimento e o poder dentro da coletividade. Segundo o filósofo, o discurso que ordena a sociedade é sempre o discurso daquele que detém o saber. Além disso, ele identifica o sujeito como aquele que está sempre determinado pelas ideias emanadas pelos superiores, ou seja, pela classe que domina ideologicamente determinada sociedade.

Saber é um conhecimento que, quando utilizado de forma correta, promove o desenvolvimento da raça humana e seu progresso. Foi por meio do conhecimento que as descobertas foram registradas e abriu o caminho para o que somos hoje. Homens vivendo num ambiente altamente tecnológico.

Michel Foucault, nas obras *A ordem do discurso* (2004) e *Microfísica do poder* (2007), aborda a relação entre saber e poder na prática social.

Ao afirmar a relação poder e saber, Foucault (2004) cria uma definição nova que garante que o poder do discurso pode funcionar negativamente, distorcendo a verdade e garantindo a dominação do poder opressor. Essa forma de “ameaça” se dá através do saber. Mas, qual o perigo que a liberdade do discurso pode trazer? É nessa dúvida que a teoria do filósofo aposta e vai se desenvolver. Para se ter uma compreensão faz-se necessário um olhar sobre a questão do saber e o conceito de vontade de verdade:

Mas, numa outra escala, se nos pusermos a questão de saber, no interior dos nossos discursos, qual foi, qual é, constantemente, essa vontade de verdade que atravessou tantos séculos da nossa história, ou, na sua forma muito geral, qual o tipo de partilha que rege a nossa vontade de saber, então talvez vejamos desenhar-se qualquer coisa como um sistema de exclusão (sistema histórico, modificável, institucionalmente constrangedor). (FOUCAULT, 2004, p. 3).

Francis Bacon (1979) acreditava que saber é poder, poder, sobretudo, de dominar ou transformar a natureza em benefício da humanidade. Para tanto, o raciocínio indutivo não basta: é preciso conjugá-lo com observações empíricas, experimentos, experiências.

Para Foucault, o conceito de saber é diferente do conceito de conhecimento. Enquanto o conhecimento corresponde à constituição de discursos sobre classes de

objetos julgados cognoscíveis, isto é, à construção de um processo complexo de racionalização, de identificação e de classificação dos objetos, o saber designa o processo pelo qual o sujeito do conhecimento, ao invés de ser fixo, sofre uma modificação durante o trabalho que ele efetua na atividade de conhecer. Pode-se dizer que o conhecimento é molar, mais denso e estagnado, enquanto o saber é molecular, sutil e em constante mudança. O saber está intimamente ligado ao conceito de poder, tanto o poder molar quanto o molecular, pois o poder trama e ainda trama com o saber. À partir da idade clássica, através do discurso cartesiano da razão, separando a razão da desrazão e a sanidade da loucura, efetuar-se-á uma ordenação geral do mundo, isto é, dos indivíduos, que passa por uma forma de governo (Estado) e por procedimentos disciplinares. Talvez os melhores exemplos da relação entre Saber e Poder sejam a Polícia (sendo que, por polícia, podemos entender não só os soldados que patrulham as ruas, mas os juízes, promotores e advogados) e a Medicina, pois, sendo detentores do saber policial e médico, ganham poderes sobre a vida e a morte dos demais sujeitos, leigos.

Com as contribuições dos autores, pode-se conceituar o saber como algo que gera o poder, pois: *“o exercício do poder cria perpetuamente saber e, inversamente, o saber acarreta efeitos de poder.”* (FOUCAULT, 2007, p. 80)

3 O PODER

Sem sobra de dúvida, o poder é um elemento estreitamente bem discutido em toda a trajetória da História da humanidade, pois ainda não houve um homem, se quer, que não tenha buscá-lo a todo custo para usufruir da dominação sobre outros.

Existe uma velha e conhecida ideia de que “saber é poder”. Vários pensadores, de Platão e Aristóteles a Francis Bacon ou Michel Foucault defendem uma relação muito próxima entre as informações que constituem o saber e o poder decorrente dele. Toda pessoa bem informada é poderosa e os ambientes onde estão inseridas, como: ambientes educacionais, a família, o trabalho, o círculo de amizades podem influir para o saber que se eleva ao poder.

Para Foucault (2004), o poder não é uma entidade coerente, unitária e estável, mas “jogos de poder” que supõe condições históricas de emergência complexas e que implicam efeitos múltiplos, compreendidos fora do que a análise filosófica identifica tradicionalmente como o campo do poder. Não há poder que seja exercido por uns sobre outros, pois “os uns” e “os outros” nunca estão fixados num papel, mas sucessiva e até simultaneamente inseridos em cada um dos pólos da relação. Assim, ao contrário do que podemos pensar, uma pequena quitanda familiar é um centro de poder tanto quanto um parlamento ou congresso, pois os jogos de poder estão presentes em ambos, apenas em escalas e prioridades diferentes (as frutas e verduras no primeiro e cargos importantes e decisões de impacto nacional no segundo). Para compreender o conceito foucaultiano de poder é importante também compreender o que é liberdade para Foucault, pois segundo ele próprio, as relações de poder só existem entre indivíduos livres, que têm diante de si um campo de possibilidades onde diversas condutas podem acontecer. Não existem relações de poder entre um escravo e seu senhor, pois as determinações estão saturadas, e apenas o senhor tem poder decisório.

Saber, poder leva a cultura, uma relação de poder onde o indivíduo se constitui como centro de uma filosofia voltada para a conquista do seu espaço e de sua relação com ele.

4. A CULTURA

A cultura ainda é vista como algo montado, a partir de um saber que se constituiu pelos conhecimentos, embora o resultado disso desperte às sutilezas do poder, pois o nível cultural de um povo se deve ao fato de seu desenvolvimento em todas as áreas do conhecimento. Pode-se conceituar um grupo social, a partir da forma como empregavam suas tecnologias em prol de sua própria co-existência e de sua permanência naquele local onde se encontrava.

As relações culturais estão intimamente constituídas em aspectos, pautados pela dominação do homem através dos tempos e pelo seu jeito de influenciar seus

semelhantes a seguirem determinada filosofia, em prol da manutenção à vida de todos, estabelecendo uma forma de educação coletiva.

Antunes (2010) discute a questão de uma educação pautada em quatro pilares, onde o indivíduo, como centro e objeto desse processo, busca, de alguma forma, conhecer seus limites, suas fraquezas e fortalezas com o intuito de conquistar seu espaço social, por meio das relações interpessoais.

Somos, de algum modo, impelidos a saber do outro; para se relacionar com este de forma que possamos ser alguém e constituir uma espécie de entidade que cresce e promove o desenvolvimento de todos, pois, "*nenhum homem é uma ilha*", como afirmou John Donne, mas para isso ocorra, enfrentamos o egocentrismo, buscando dominar nossas fraquezas, em prol de estabelecer metas que realmente façam com que o conhecimento e a educação sejam estabelecidos.

Para se conseguir que tais metas sejam alcançadas, segundo Antunes (2010) há quatro pilares da educação, baseadas na teoria das inteligências múltiplas, que precisam ser conquistadas, a saber:

a) Aprender a aprender:

Este é o primeiro passo, onde o indivíduo busca estabelecer uma proximidade com os objetos em sua volta, percebendo seus detalhes, jeitos, trejeitos e maneirismos, pela observação dos detalhes até alcançar o apreender. Para isso, não basta apenas olhar ou ver, é preciso enxergar para guardar minúcias. Também é preciso escutar, não apenas ouvir.

b) Aprender a fazer:

Utilizando o polegar opositor e o telencéfalo o indivíduo busca, por meio de erros e acertos, fazer as coisas e dominar técnicas de se trabalhar os objetos. No caso de um relacionamento, fazer implica, entre outros, buscar ser mais cortês com as pessoas, atraindo para si, aceitabilidade dos outros, bem como confiança e carisma. O fazer sobressai na vontade de alcançar proximidade e aceitabilidade pelos indivíduos que conhecemos.

c) Aprender a conviver:

Sendo o terceiro pilar da educação, neste estágio, o indivíduo começa a perceber que as relações interpessoais são importantes para constituir e se criar laços, pois, o simples fato de aceitar o outro, nos remete a aceitar suas diferenças e possivelmente, cacoetes ou problemas. Aprender a conviver não é assim tão fácil para alguns, uma vez que o simples fato de o outro não aceitar certos hábitos, ou já possuir conceitos pré-definidos sobre credo, raça e gênero.

d) Aprender a ser:

Uma vez incorporados os três primeiros pilares da educação (*aprender a aprender; aprender a fazer; aprender a conviver e aprender a ser*) o indivíduo assume uma posição de auto-superação, pois se encontrará apto a estar sócio de uma relação constituída de sociedade, na qual viemos, demonstrando aceitar, em tese, os códigos e as leis estabelecidas pelo grupo.

Portanto, as questões que levam o indivíduo a manter relações interpessoais, construir seus pensamentos, defender suas ideias e se estabelecer socialmente é constituído de um poder simbólico, com base em seu saber que, certamente, resultará em sua cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda e qualquer cultura perpassa por questões que vão, além de um saber conjecturado em propósitos ou fundamentos religiosos, como também científicos. Na Pré-História, quem detinha o fogo, detinha o poder, pois esse elemento não apenas garantia cozer o alimento, como também aquecia o homem na caverna e ainda afastava dali os animais predadores.

A Idade Média, a chamada de Idade das Trevas foi assim instituída porque o saber era apenas empírico, baseado em fundamentos religiosos onde, de forma alguma, um cidadão poderia levantar dúvidas ou hipóteses.

Com o passar dos tempos, com muita pressão, situações foram rediscutidas e aceitas, mesmo à base de lutas. Foi assim com a Guerra da Vacina, no Brasil, em 1904, quando muitos foram às ruas lutar porque não aceitavam a obrigação da vacina, sugerida pelo Dr. Oswaldo Cruz, pois pensavam que seria uma manobra do governo para matar a população pobre.

Portanto, o conhecimento, em si, é um poder que, embora simbólico, destaca indivíduos dos demais de uma sociedade e, é baseado neste saber e poder que se monta uma cultura. Na verdade, a base fundamental de um poder é o saber e esse elemento, constituído pelo conhecimento, não nasce da noite para o dia, mas da observação, da pesquisa, da experimentação e da vontade de mudar uma causa, uma coisa, o mundo.

Discutir este poder simbólico, constituído pelo saber que resulta na construção de uma cultura levou anos e ainda está em constante desenvolvimento, desse modo, esta pesquisa não para aqui, pois fundamentada nos quatro pilares da educação: aprender, fazer, conviver e ser, o indivíduo compreende seu papel e procura, de algum modo, melhorar o espaço físico, conscientizar as pessoas e promover o progresso em prol da coletividade; da vida e da paz.

Sábio não é quem faz uma grande descoberta, mas quem a usa em prol da humanidade.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **A Prática dos Quatro Pilares da Educação na Sala de Aula**, Editora Vozes, São Paulo, 2010.

BACON, F. **Novum organum ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza; Nova Atlântida**. Tradução e notas J. A. R. de Andrade. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**, Ed. Deifel, São Paulo, 2011.

DELORS, Jacques (org.). **Educação um tesouro a descobrir** – Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. Editora Cortez, 7ª edição, 2012.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso. Aula inaugural no College de France, pronunciada, em 02 de Dezembro de 1970**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. Edições Loyola, São Paulo, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução Roberto Machado. 24. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. Editora brasiliense, 2010.

SPINELLI, Miguel. **Bacon, Galileu e Descartes. O renascimento da filosofia grega**. São Paulo: Loyola, 2013